

STUDIA IBERYSTYCZNE

**Portugalia, Brazylia, Afryka
Wokół Vergílio Ferreiry**

* * *

**Portugal, Brasil, África
Em torno de Vergílio Ferreira**

STUDIA IBERYSTYCZNE

nr 9

Redakcja pisma „Studia Iberystyczne”

Anna Sawicka (redaktor naczelny i sekcja katalońska)

Maria Filipowicz-Rudek (sekcja galicyjska)

Anna Rzepka (sekcja portugalska)

Ewa Nawrocka (sekcja iberoamerykańska)

Rosanna Krzyszkowska-Pawlik (sekretarz redakcji)

Rada naukowa / Comité Científico

Beata Baczyńska, Uniwersytet Wrocławski (Polska/Polonia)

Marek Baran, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Jerzy Brzozowski, Uniwersytet Jagielloński (Polska/Polonia)

Arturo Casas, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Ubaldo Cerezo Rubio, Universidad de Alcalá (Hiszpania/España)

Juan de Dios Luque Durán, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Silvia Kaul, Universidad Nacional de Rio Cuarto (Argentyna/Argentina)

Margarita Llitas, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Gilles Luquet, Université Paris III, La Sorbonne Nouvelle (Francja/Francia)

Waczesław Nowikow, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Antonio Pamies Bertran, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Janusz Pawlik, Uniwersytet im. A. Mickiewicza w Poznaniu (Polska/Polonia)

Ramon Pinyol, Universitat de Vic (Hiszpania/España)

Bogdan Piotrowski, Universidad de la Sabana (Kolumbia/Colombia)

Klaus Pörtl, Johannes Gutenberg Universität Mainz (Niemcy/Alemania)

Emilio Ridruejo, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Elżbieta Skłodowska, Washington University in Saint Louis (USA/EE.UU.)

Francisco Torres Monreal, Universidad de Murcia (Hiszpania/España)

Alejandro Veiga, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Joan Ramon Veny Mesquida, Universitat de Lleida (Hiszpania/España)

Joanna Wilk-Racięska, Uniwersytet Śląski (Polska/Polonia)

PORTUGALIA, BRAZYLIA, AFRYKA

Wokół Vergílio Ferreiry

* * *

PORTUGAL, BRASIL, ÁFRICA

Em torno de Vergílio Ferreira

Pod redakcją:
ANNY RZEPKI
NATALII CZOPEK



Księgarnia Akademicka
Kraków 2010

Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego

Recenzenci:

prof. dr Regina Przybycień, Universidade Federal do Paraná, Brazylia
dr hab. Jerzy Brzozowski, prof. UJ

Konsultacja językowa: Ana Wąs-Martins

Korekta: Joanna Milek

Skład i łamanie: Małgorzata Manterys-Rachwał

Projekt okładki: Igor Stanisławski

Publikacja dofinansowana przez
Wydział Filologiczny Uniwersytetu Jagiellońskiego
oraz Instytut Camõesa w Lizbonie

A publicação co-financiada pela Faculdade de Letras
da Universidade Jagellónica e o Instituto Camões em Lisboa



ISSN 2082-8594

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków
tel./faks: 012 431-27-43, 012 663-11-67
e-mail: akademicka@akademicka.pl

Księgarnia internetowa:
www.akademicka.pl

ÍNDICE

Od redakcji.....	7
Nota da redação.....	9

LINGUÍSTICA

Henrique Barroso: O <i>progressivo</i> no português europeu de hoje: expressão, combinatória e variação.....	13
Natalia Czopek: Algumas observações sobre o futuro do conjuntivo português e <i>futuro de subjuntivo</i> espanhol.....	35
Przemysław Dębowski: As cores nos nomes de lugares habitados em Portugal	49
Denise Gomes Dias: Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística.....	65
Barbara Hlibowicka-Węglarz: Para compreender a situação linguística em Moçambique	77
Edyta Jabłonka: Tempos futuros na língua portuguesa e os seus equivalentes em polaco	87
Justyna Wiśniewska: Os equivalentes polacos da perífrase verbal <i>estar+a+infinitivo</i>	101

LITERATURA

Mário J. Aires dos Reis: O tópico do <i>tempus fugit</i> em <i>Em Nome da Terra</i> de Vergílio Ferreira.....	115
Isabel Araújo Branco: A animalidade do homem em contos de Miguel Torga	127
Fabiane Renata Borsato: Morte na antilírica de João Cabral de Melo Neto.....	141

Robson Coelho Tinoco: Poesia brasileira (ex-cêntrica): marcas de um neorromantismo contemporâneo.....	155
Regina Dalcastagnè: A cor de uma ausência: representações do negro na narrativa brasileira contemporânea	169
Renata Díaz-Szmidt: O universo feminino na poesia das mulheres angolanas no início do século XXI	185
Anna Kalewska: Vergílio Ferreira, Camões, Platon i inni, czyli o odzyskiwaniu utraconych znaczeń w kulturze nowożytnej Europy	201
Violante F. Magalhães: Uma leitura de <i>Vagão 'J'</i>	221
Ana Bela Morais: Amor e violência na obra de Vergílio Ferreira	233
Jerusa Pires Ferreira: Fernando Pessoa e os Santos Populares	245
João Ribeyre: Jogar a vida com a morte em <i>A Noite e o Riso</i> de Nuno Bragança, <i>Alegria Breve</i> de Vergílio Ferreira e <i>O Sétimo Selo</i> de Ingmar Bergman	251
Monika Świda: Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes.....	265
Anna Wolny: Passando pelas portas entreabertas – Jorge Barbosa: <i>Carta para Manuel Bandeira</i>	291

VARIA

Marcos Nunes de Vilhena: <i>Portugalczyk Osculati</i> – fazer um português ou <i>fazer de português</i> na Polónia?	307
Jolanta Rękawek: Mais perto do samba do que da valsa: Glauber Rocha e o Cinema Novo.....	327

Natalia Czopek
Uniwersytet Jagielloński

Algumas observações sobre o futuro do conjuntivo português e *futuro de subjuntivo* espanhol

Resumo:

O artigo apresenta os possíveis empregos do futuro do *subjuntivo* e do futuro do conjuntivo nas línguas espanhola e portuguesa. Os usos do futuro do *subjuntivo* observam-se do ponto de vista diacrónico e sincrónico, realçando as mudanças introduzidas no sistema modal espanhol ao longo dos séculos. Analogicamente, enumeram-se os empregos do futuro do conjuntivo na língua portuguesa. As observações finais incluem uma descrição abreviada dos traços modais, temporais e aspectuais das formas do *subjuntivo* e do conjuntivo salientados na análise proposta no presente trabalho.

Palavras-chave: futuro do *subjuntivo*, futuro do conjuntivo, modo, modalidade.

Abstract:

Some observations on the Portuguese *futuro do conjuntivo* and the Spanish *futuro de subjuntivo*

This article compares the usage of future forms of Spanish and Portuguese subjunctive mood. The usage of the future forms of Spanish subjunctive is analysed via diachronic and synchronic perspectives, which highlight the changes introduced in the Spanish modal system throughout the ages.

The second part describes the usage of the future forms of the subjunctive mood in Portuguese. The conclusions comprise a short description of the modal, temporal and aspectual features of the Spanish and Portuguese subjunctive pointed out in the analysis proposed in the article.

Keywords: *futuro do subjuntivo, futuro do conjuntivo*, mood, subjunctive mood, modality.

No presente trabalho, preocupa-nos revelar alguns pormenores da evolução e preservação das formas do futuro do conjuntivo que é um dos elementos distintivos entre os sistemas modais espanhol e português. A génese das suas formas cria uma certa confusão, pois no século XIX os linguistas formaram a hipótese de elas serem resultado da fusão do futuro perfeito do indicativo latino com o pretérito perfeito do conjuntivo, com o domínio do primeiro. Esta fusão teve lugar supostamente devido a frequentes confusões no uso das formas dos dois “tempos”. Por conseguinte, alguns linguistas põem em dúvida a sua aderência ao modo conjuntivo¹ ou, pelo menos, salientam a prevalência do futuro perfeito do indicativo na criação das suas formas².

¹ Cf. Schäfer (1995). A autora defende que o denominado “futuro do conjuntivo” não pode ser considerado como um tempo do conjuntivo e que esta designação é resultado da classificação errónea na tradição gramatical de Donato. Além disso, salienta a sua superfluidade no sistema modal tanto do espanhol como do português. Finalmente, chega à conclusão que nem a classificação como um dos tempos do conjuntivo, nem como variante proposicional do futuro do indicativo podem explicar todas as particularidades das ditas formas para as quais a autora propõe a classificação como um modo especial, um verdadeiro “condicional”. Cf. também Martins Ferreira (1984: 372-373): *Mas nem sempre é o chamado futuro do Conjuntivo de facto uma forma de Conjuntivo, mas um futuro do Indicativo que sucede ao futurum exactum latino nas línguas da Península Ibérica, e em que transparece ainda por vezes a significação da acção pontual, perfectiva, que, por antecipação, se vê acontecer ou ter acontecido no futuro, deste futuro latino.*

² Cf. Williams (1938: 208): *É óbvio que o futuro perfeito do indicativo fôsse predominante na fusão, já que o perfeito do subjuntivo era muito menos co-*

A definição exacta dos seus traços modais e temporais também pode criar problemas. O que se realça, na maioria dos casos, é o carácter não-referencial e mais definido das formas do futuro do conjuntivo quando comparadas com as do presente do mesmo modo, bem como um valor mais futuro do que o do presente do indicativo que parte de uma pressuposição. Além disso, o presente do conjuntivo implica uma visão do futuro orientada para objectivos e optativa, enquanto o futuro do conjuntivo designa acções de possibilidade aberta ou contingentes (Williams 1938: 237-239)³.

Comparando as duas línguas, notamos que na língua portuguesa o futuro do conjuntivo se emprega com frequência enquanto na língua espanhola o uso do futuro do *subjuntivo* é muito restrito. A situação era completamente distinta no espanhol antigo. Este “tempo” verbal começou a fazer parte do sistema espanhol no século XII e utilizava-se muito na época medieval. A primeira pessoa com o *-o* final etimológico foi usada até ao século XVI: as formas como *fallaro*, *tomaro*, *puiero*, *sopiero*, etc. podem ser encontradas na literatura castelhana daquela época⁴. Nota-se, ao mesmo tempo, uma preferência pelo emprego deste “tempo” nas orações condicionais, modais, temporais, relativas ou concessivas: *Quien tal vieja toviere guárdela como al alma* (Garcia de Diego, 1970: 312); *El mundo está perdido si le Dios non acorrier*⁵; *Salga lo que saliere*. Além disso, G. Luquet

mum do que o futuro perfeito do indicativo em condições futuras e já que o tipo de oração hipotética formado pelo futuro do subjuntivo [...] é mais “vívido”.

³ Neste ponto, preocupa-nos revelar as diferenças observadas entre as duas formas do mesmo modo por Quinteira Pires (1998: 110). Estas diferenças são de natureza temporal e referencial, sendo o futuro do conjuntivo referente a um momento posterior impreciso e o presente do conjuntivo a um momento de ocorrência vago, já que pode exprimir acções ocorrentes no momento da enunciação ou em qualquer momento posterior a este. Modalmente, os dois “tempos” exprimem a ideia de não-afirmação, mas o sentido do futuro do conjuntivo é mais perto do real.

⁴ *Cantar de Mio Cid* citado por García de Diego (1970: 312).

⁵ Os seguintes exemplos provêm das obras de Alfonso XI e de *El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha* citados por Menéndez Pidal (1973: 376).

(2004) põe em realce a falta de emprego das ditas formas em orações independentes, principais e subordinadas introduzidas pelo nexo *antes que*. Também, segundo os resultados das suas investigações, o futuro do *subjuntivo* aparecia apenas nas orações adjectivas substantivadas e não substantivadas, adverbiais, substantivas, temporais, locativas, concessivas e comparativas, por exemplo: *Fuy de la tierra donde non vieres rey justiciero, e río corriente, e físico sabidor, que ésta ayna perecerá⁶; Si fuere rei de terra, el oro quera; si fuere omne mortal, la mira tomara*, etc. Outra característica observada pelo mesmo autor é a representação das acções acabadas posteriores ao momento de enunciação por meio do futuro do *subjuntivo*, pois o presente deste modo não pressupõe este valor perfectivo⁷.

Como já foi dito, os usos acima enumerados já não se encontram na língua espanhola moderna. Assim, por exemplo, a mudança das competências do futuro do *subjuntivo* teve lugar no caso das orações condicionais que fazem referência ao futuro e empregam a partícula *si* na sua prótase. Estas orações, hoje em dia, não admitem o emprego nem do futuro do *subjuntivo*, nem de qualquer tempo verbal deste modo, o que antigamente era possível, como no exemplo *Avíseme si fuere necesario* (Porto Dapena, 1991: 46)⁸.

Entre várias abordagens do tema do futuro do *subjuntivo* na língua espanhola, encontrámos a de A. Bello que acentua as característi-

⁶ Os exemplos provêm das doras *El libro de los doze sabios* e *Auto de los Reyes Magos* citadas por Luquet (2004: 111-113).

⁷ Luquet apud Bosque, Demonte (1999: 367): *En español medieval y hasta que cae en desuso a mediados del siglo XVI, amare, al igual que ame, supone una localización del acontecimiento posterior al momento de la enunciación. Pero se opone a ame en que supone una «decadencia perfectiva» [...], esto es, presenta el acontecimiento como ya acabado con respecto a los del discurso que le sirven de referencia, mientras que ame no supone ese acabamiento.*

⁸ R. Eberenz (1990: 390), ao referir-se ao emprego do futuro do conjuntivo nas orações condicionais, afirma o seguinte: *La oración del tipo «si lloviere, no saldré» se sitúa, por lo tanto, entre la llamada hipótesis ‘real’ «si llueve, no saldré» y la ‘irreal’ «si lloviera, no saldría», constituyendo un grado intermedio, posteriormente perdido, en la escala de hipoteticidad.*

cas especiais do futuro do *subjuntivo* simples (*comprare*) e composto (*hubiere comprado*) ao criar um modo separado – *subjuntivo* hipotético – constituído por estas formas⁹. Como se disse anteriormente, na altura em que era costume utilizar o futuro do *subjuntivo*, o seu significado não era igual ao do presente do mesmo modo. Daí foi criada a definição de A. Bello (apud Bosque, 1990: 46): *El hipotético puede caracterizarse frente al subjuntivo [...] por el rasgo hipótesis o, quizá, eventualidad o contingencia: expresa siempre una acción cuya realización efectiva no nos inclinamos a afirmar ni negar*. O primeiro ficou incluído por M. Molho (1975: 343) no conjunto dos tempos ascendentes deste modo e designado pelo mesmo autor de *modo longo*, isto é, de maior poder expansivo em direcção ao futuro indeterminado e infinito. No entanto, tendo em consideração a presente substituição do hipotético pelo presente do *subjuntivo*, não seria falso afirmar que os dois são “modos” complementares, embora às vezes esta substituição exija certas mudanças no enunciado.

Actualmente na língua espanhola o futuro do *subjuntivo* foi quase completamente substituído pelas formas do presente do *subjuntivo* ao qual se adicionou o valor de posterioridade¹⁰ e, em alguns casos,

⁹ Bello apud Bosque (1990: 44): [...] *el hipotético, hoy prácticamente desaparecido de la lengua estándar, vendría a ser, pese a su inclusión tradicional dentro del subjuntivo, un verdadero modo independiente y primario, puesto que las formas que lo componen jamás se oponen a las demás de subjuntivo desde una perspectiva temporal ni aspectual, sino exclusivamente modal*.

¹⁰ Como realça R. Eberenz (1990: 386-406) a procura dos exemplos de uso do futuro do *subjuntivo* não é fácil porque é um tempo verbal característico dos textos «comentativos» e encontra-se, sobretudo, em documentos linguísticos orientados para o momento de fala, como obras de teatro, cartas, diálogos que fazem parte da narração, ensaios, etc. No entanto, existe um problema estilístico, nomeadamente o estilo das obras mencionadas é diferente do estilo coloquial e, por conseguinte, não reflecte todas as mudanças em voga, ou seja, é-nos impossível investigar o verdadeiro estatuto do futuro do *subjuntivo* na língua falada. Uma prova de que o seu estatuto era diferente pode ser o emprego deste modo nas picarescas onde, muitas vezes, é utilizado por aristocratas e não por protagonistas procedentes do povo. Pressupõe-se até que o seu emprego era uma característica do estilo intencionalmente arcaísta ou, nas épocas posteriores,

pelas formas do imperfeito, pretérito perfeito ou pretérito mais-que-perfeito do mesmo modo¹¹. Os processos do seu desaparecimento e das mudanças nos empregos dos modos descendentes que, em certos contextos, adquirem funções do futuro, foram descritos já em 1867 por R. J. Cuervo¹². As formas do futuro do *subjuntivo* utilizam-se apenas em certas expressões, no âmbito das fórmulas jurídicas, provérbios, frases feitas, etc., nas obras de estilo arcaísta, solene, como a linguagem religiosa, judicial e burocrática e em algumas construções reduplicativas da língua falada (por exemplo: *Sea como fuere, Venga quien viniere*) (Borrego et al., 1985: 13). Observem-se alguns exemplos deste uso:

irónico e artificial. O mesmo autor põe em realce a distinta situação do futuro do *subjuntivo* no espanhol de América e das Ilhas Canárias.

¹¹ Cf. Silva Corvalán apud Bosque (1990: 364): [...] *en muy variadas lenguas, se propende a emplear las formas de pasado para expresar menos aserción en entornos de no-pasado.*

¹² R. J. Cuervo citado por Molho (1975: 351): *Puede decirse que en España va a toda prisa desvaneciéndose la noción de las diferencias tradicionales que distinguen las inflexiones subjuntivas en –se, –re, –ra...La forma en –re va haciéndose menos común, arrinconada por las otras...Assim, a forma em –ra está cada vez mais virtual e começa a entrar na área do emprego da forma em –se, aproximando-se, deste modo, ao futuro. O resultado deste processo é a simplificação progressiva do sistema modal espanhol que afecta também os modos ascendentes, nomeadamente o futuro do *subjuntivo* em vias de extinção e o presente do *subjuntivo* que adquire as suas funções. Cf. também Sastre (2004: 39): *Así que esta forma, que vio limitadas sus posibilidades de aparición como ninguna otra y que a lo largo de su historia alternó con otras en los mismos contextos, reunía todos los requisitos para que dichas formas se repartieran los contextos, hasta el punto de que algunos lingüistas no cuentan con ella al formular el paradigma del modo subjuntivo español.* B.C. Bergareche, no seu artigo “El futuro de subjuntivo en español” (1990: 421-425), trata o futuro do *subjuntivo* espanhol como *un elemento de escaso valor funcional e incluso incómodo y conflictivo* e enumera três grupos de factores que contribuíram para sua eliminação: factores fonéticos (confusões entre três formas do *subjuntivo* cujos valores eram muito próximos), factores semânticos (desaparecimento das diferenças semânticas futuro do *subjuntivo* / futuro e presente do indicativo e presente do *subjuntivo*), e factores morfossintácticos (a escassa utilidade e importância das oposições morfossintácticas).*

1. [...] *cuando preparaba una empresa nueva, sabía crear previamente el adecuado estado de opinión para que, una vez que se hacía pública y sea como fuere, todos dijese que el rey sólo cumplía con su obligación* (MH 5: 28).
2. *Sea como fuere, con la llegada de color los artistas plásticos se dieron cuenta de que la fotografía permitía ver cosas que el ojo humano no percibía* (MI 290: 99).
3. *Sea cual fuere la incidencia real de la violencia en la vida cotidiana de la frontera, lo que está claro es que no obedeció a una causa única sino que fue producto de un conjunto de factores que actuaron simultáneamente* (MH 6: 39).

Em todos os casos deparamos com construções reduplicativas nas quais é actualmente mais possível encontrar as formas do futuro do *subjuntivo*. No entanto, mesmo nas construções deste tipo o seu uso pode ser problemático, o que mostram os seguintes exemplos completados por falantes nativos nos questionários preparados para este fim:

4. *La creación del World Wide Web [...] en 1990 posibilitó el intercambio de información, sea cual fuere / fuera su sistema operativo* (Q1), (Q2).
5. *Sea como fuese / sea, con la llegada de color los artistas plásticos se dieron cuenta de que la fotografía permitía ver cosas que el ojo humano no percibía* (Q1), (Q3).

Notamos, então, que os questionados nem sempre empregam o imperfeito do *subjuntivo* nas frases que se referem ao passado – exemplo (4) – o que provoca um certo caos temporal e é considerado uma incorreção linguística. Também é frequente juntarem o presente do *subjuntivo* com o imperfeito do *subjuntivo* numa construção reduplicativa (5), o que às vezes resulta no aparecimento de conjuntos estranhos como *sea como fuese*.

Como já foi assinalado, antigamente nas construções condicionais reais espanholas empregava-se o futuro do *subjuntivo*. Encontrámos um exemplo do futuro do *subjuntivo* na prótase duma oração condicional. O texto, no entanto, faz referência a acontecimentos históricos e inclui citações em espanhol antigo, o que explica o uso deste modo no exemplo (6):

6. *Poco antes de morir, en la cama y aquejado de terribles dolores, escribía a los reyes: “Si me faltaren las fuerzas y las fatigas me rindieren, non desfallecerá en mi ánima la voluntad” (G 233: 91).*

O futuro do *subjuntivo* nas orações condicionais reais foi substituído pelo presente do indicativo. A razão desta mudança pode ter sido a maior proximidade do modo indicativo e das suas formas de presente às acções habituais, reais, prováveis, etc. Assim, o locutor, ao empregar o indicativo, assinala que é muito provável que a condição apresentada na prótase se realize, pois esta situa-se no presente ou no futuro em relação ao momento da enunciação e não é interpretada pelo falante como irrealizável (cf. Silva Corvalán apud Bosque, 1990: 363)¹³.

A situação do futuro do conjuntivo na língua portuguesa é completamente diferente, pois as suas formas utilizam-se com bastante frequência. O futuro do conjuntivo simples marca uma eventualidade no futuro aparecendo nos seguintes contextos:

- em orações temporais para expressar uma acção no futuro, formando conjuntos com determinadas conjunções ou locuções como *assim que*, *enquanto*, *sempre que*, *quando*, *como*, *conforme*, etc.: *Assim que / Quando chegares, avisa-me* (FN), *Fazemos como quiseres* (FN), *Trata do problema conforme achares melhor* (FN), *Enquanto estiveres doente, não debes sair* (FN), *Tenciono visitá-la sempre que puder* (FN);
- em orações relativas sem ou com antecedentes expressos para exprimir uma situação eventual no futuro, formando conjuntos com pronomes relativos *quem*, *onde* ou *que*. O emprego do fu-

¹³ A autora defende a existência de uma tendência pragmático-semântica, designada como o princípio da distância, que propiciou as mudanças no sistema verbal espanhol, nomeadamente a passagem das formas do presente do *subjuntivo* a designar acções futuras: [...] *si en una lengua existen formas que compar-ten una misma esfera sintáctico-semántica, las que se refieren a un significado que supone mayor alojamiento del hablante (las que aluden a objetos o acontecimientos más alejados subjetiva u objetivamente del hablante), éstas tienden a desaparecer y a ser reemplazadas por las más próximas.*

turo do conjuntivo explica-se aqui pelo princípio de “condição a cumprir no futuro”, como em *Quem chegar atrasado, não poderá entrar* (FN), *Seja como for* (FN)¹⁴. Notam-se também certas diferenças nos valores introduzidos pelas formas do presente e do futuro do conjuntivo nas orações relativas restritivas: *A Ana quer casar com um homem que tenha uma casa grande* (FN) / *A Ana quer casar com o homem que tiver uma casa grande* (FN). A relação estabelecida na primeira frase é não-referencial e indefinida, enquanto na outra frase é não-referencial e genérica¹⁵. Substituindo o conjuntivo pelas formas do indicativo recebemos relações referencial / indefinido e referencial / definido, respectivamente: *A Ana quer casar com um homem que tem uma casa grande* (FN) / *A Ana quer casar com o homem que tem uma casa grande* (FN).

- em orações concessivas com repetição do verbo para expressar uma concessão absoluta: *Seja quem for, não abras a porta!* (FN), *Venham quando vierem, estarei à vossa espera* (FN);
- em orações condicionais reais, formando um conjunto com a partícula condicional *se*: *Se estiveres em casa nas férias de Natal, telefona-me* (FN)¹⁶.

O futuro do conjuntivo composto, por sua vez, indica um facto futuro terminado em relação a outro facto futuro, dentro do sentido geral do modo conjuntivo: *Quando tiveres acabado, podes ir para casa* (FN) (cf. Cunha, Cintra, 2000: 473).

¹⁴ A interpretação condicional seria *Se alguém chegar atrasado, não poderá entrar* e *Se for assim, que seja*, respectivamente.

¹⁵ Para B. Comrie e H. Holmback citados por B. Schäfer (1995: 238-239) o futuro do conjuntivo é, neste contexto, mais definido do que o presente do conjuntivo.

¹⁶ Citemos aqui ainda as palavras de F.I. Fonseca (1970) que realça que a conservação do futuro do conjuntivo em português *não deve ser procurada no campo da sintaxe dos valores, mas antes no da sintaxe combinatória, já que, actualmente, a sua principal “função”, se assim se pode dizer, é a de substituir o presente nas orações condicionais introduzidas por se, em que o uso deste não é permitido pela norma.*

Nota-se aqui uma certa prevalência dos traços modais e aspectuais introduzidos por estas formas. Daí resultam teorias de acordo com as quais a distinção dos “tempos” do conjuntivo não é adequada, pois os seus limites temporais não são tão facilmente distinguíveis como os dos tempos do indicativo. Assim, as formas do presente do conjuntivo exprimem simultaneidade ou posterioridade e imperfectividade; as do futuro simples posterioridade e imperfectividade e as do futuro composto posterioridade e perfectividade em relação à acção principal¹⁷. Na maior parte dos empregos não é possível alternar as formas do presente e futuro no mesmo contexto mantendo os mesmos valores. A sua colocação na oração tem carácter sintáctico, pois notam-se certas preferências quanto à formação de conjuntos modais com partículas como, por exemplo, *quando* que em português funciona com as formas do futuro do conjuntivo, enquanto em espanhol com as do presente do *subjuntivo*. Em outros casos, como o caso das orações condicionais, as formas do futuro do conjuntivo alternam com as do imperfeito e pretérito mais-que-perfeito, introduzindo cada uma os próprios valores modais e temporais. Esta relativa independência modal do conjuntivo observa-se também, por exemplo, nas orações temporais com a mesma partícula *quando* onde as suas formas introduzem valores condicionais¹⁸. Além disso, a maioria das conjunções e locuções acima mencionadas podem formar conjuntos com várias

¹⁷ O modo de interpretar os valores do conjuntivo por meio dos “tempos” é considerado errado sobre tudo a partir de Guillaume. Segundo este autor, o conjuntivo possui uma representação incompleta do tempo. Assim, seria mais adequado falar de “orientações temporais” das formas deste modo e o futuro do conjuntivo seria orientado para uma posterioridade pouco concreta. As localizações temporais das formas do conjuntivo são, então, virtuais e não nítidas como no caso do indicativo (Fonseca, 1970: 175-179). Schäfer (1995: 237) observa, no entanto, que o futuro do conjuntivo pode significar uma acção não realmente posterior, que é representada em outras línguas por formas do presente em contextos como *Se quiseres, vamos à praia / Si quieres, vamos a la playa* (FN). Aqui, os motivos do seu emprego são puramente sintácticos.

¹⁸ Cf. *Quando eu sair, levo o casaco / Quando en saio, levo o casaco / Quando eu saía, levava o casaco* (FN).

formas do indicativo, o que obviamente muda a interpretação modal. Assim, podemos concluir que o modo conjuntivo não é apenas um modo subordinado dependente de outros elementos da frase. As suas formas introduzem as próprias marcas características, o que confirma uma certa independência semântica.

Para terminar, acrescentemos ainda que na língua portuguesa o conjuntivo está inseparavelmente relacionado com o infinitivo pessoal, podendo ser substituído por este em vários contextos. Alguns linguistas, como W. Meyer-Lübke ou J. Leite de Vasconcelos (cf. Williams, 1938: 22), afirmam que as desinências pessoais do infinitivo pessoal se criaram como efeito das possíveis confusões com as formas do futuro do conjuntivo de muitos verbos. Todavia, não vamos investigar o tema do infinitivo pessoal mais pormenorizadamente, pois a sua evolução não é tão relevante para a nossa área de investigação.

Resumindo, o emprego das formas do futuro do *subjuntivo* no espanhol moderno é considerado antiquado mas aparece em algumas expressões fixas como *sea lo que fuere, venga quien viniere*. O presente do *subjuntivo* adoptou os seus valores e usa-se para designar acções futuras. No português, os futuros simples e composto do conjuntivo utilizam-se frequentemente. O futuro do conjuntivo português tem muitos valores modais que, na maioria dos casos, podem ser expressos também pelo presente. Neste caso, o critério de análise mais adequado é o sintáctico. As diferenças possíveis são, efectivamente, de natureza sintáctica e não modal. Além disso, o futuro do conjuntivo aparece nas orações relativas portuguesas no caso dos antecedentes com artigo definido, enquanto no presente com artigo indefinido. No espanhol, o presente do *subjuntivo* usa-se independentemente do artigo.

Bibliografía

- BERGARECHE, Bruno Camus, (1990), “El futuro de subjuntivo en español”, em: Bosque Ignacio (ed.), *Indicativo y subjuntivo*, Madrid, Taurus Universitaria, pp. 410-427.
- BORREGO, Julio, ASENCIO José G., PRIETO Emilio, (1985), *El subjuntivo, valores y usos*, Madrid, Sociedad General Española de Librería, S. A.
- BOSQUE, Ignacio (ed.), (1990), *Indicativo y subjuntivo*, Madrid, Taurus Universitaria.
- BOSQUE, Ignacio, DEMONTE Violeta (eds.), (1999), *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid, Espasa.
- CUNHA, Celso, CINTRA Lindley, (2000), *Nova gramática do português contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- EBERENZ, Rolf, (1990), “Sea como fuere: en torno a la historia del futuro de subjuntivo español”, em: Bosque Ignacio (ed.), *Indicativo y subjuntivo*, Madrid, Taurus Universitaria, pp. 383-409.
- FONSECA, Fernanda Irene, (1970), *Para o estudo dos valores do conjuntivo em português moderno*, Coimbra, FLUC.
- GARCIA DE DIEGO, Vicente, (1970), *Gramática histórica española*, Madrid, Editorial Gredos, S.A.
- HERCULANO DE CARVALHO, José Gonçalo, SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (eds.), (1984), *Estudos de linguística portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora.
- LUQUET, Gilles, (2004), *La teoría de los modos en la descripción del verbo español*, Madrid, Arco/Libros, S.A.
- MARTINS FERREIRA, Paulo, (1984), “Algumas considerações sobre o conjuntivo nas línguas românicas”, em: Herculano de Carvalho, José Gonçalo, Schmidt-Radefeldt Jürgen (eds.), *Estudos de linguística portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora, pp. 358-392.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, (1973), *Manual de gramática histórica española*, Madrid, Espasa-Calpe S.A.
- MOLHO, Mauricio, (1975), *Sistemática del verbo español*, Madrid, Editorial Gredos.
- PORTO DAPENA, José Álvaro, (1991), *Del indicativo al subjuntivo*, Madrid, Arco/Libros, S.A.
- QUINTEIRA PIRES, Maria da Conceição, (1998), *A consecutio temporum no português contemporâneo*, Coimbra, FLUC.

- SASTRE, María Ángeles, (2004), *El subjuntivo en español*, Salamanca, Ediciones Colegio de España.
- SCHÄFER, Barbara, (1995), “O futuro do conjuntivo – um conjuntivo?”, em: *Actas do 4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Lisboa, Lidel, pp. 425-438.
- WILLIAMS, Edwin Bucher, (1938), *From Latin to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*, Oxford, Oxford University Press.

Abreviações utilizadas nas citações:

<i>G</i>	–	<i>Geo</i>
FN	–	<i>Falante Nativo</i>
<i>MI</i>	–	<i>Muy Interesante</i>
<i>MH</i>	–	<i>Muy Historia</i>
Q	–	pessoa questionada